

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

TÂMARA ELIZABETH DO NASCIMENTO DUARTE

**MEMORIAL ZUMBI: O MOVIMENTO NEGRO E O I SIMPÓSIO NACIONAL
SOBRE O QUILOMBO DOS PALMARES (1981)**

MACEIÓ

2023

TÂMARA ELIZABETH DO NASCIMENTO DUARTE

**MEMORIAL ZUMBI: O MOVIMENTO NEGRO E O I SIMPÓSIO NACIONAL
SOBRE O QUILOMBO DOS PALMARES (1981)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História da
Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em História

Orientador: Prof. Dr. Danilo Luiz Marques.

MACEIÓ

2023

**Catálogo na fonte Universidade Federal de
Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

D812m Duarte, Tâmara Elizabeth do Nascimento.

Memorial Zumbi: o movimento negro e o I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares (1981) / Tâmara Elizabeth do Nascimento Duarte .

– 2023.

40 f. : il. color.

Orientador: Danilo Luiz Marques.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História: Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 35-36.

Anexos: f. 37-40.

1. Movimento social negro. 2. Redemocratização – Brasil. 3. Quilombos dos Palmares. I. Título.

CDU: 323.13 (=414)

Folha de Aprovação

TÂMARA ELIZABETH DO NASCIMENTO DUARTE

MEMORIAL ZUMBI: O MOVIMENTO NEGRO E O I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE O QUILOMBO DOS PALMARES (1981)

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à banca examinadora do curso
de História Licenciatura da Universidade
Federal de Alagoas e aprovada em 17 de
maio de 2023.



Documento assinado digitalmente

DANILO LUIZ MARQUES

Data: 03/06/2023 18:22:29-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Orientador(a) – Dr. Danilo Luiz Marques

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente

SANDRA CATARINA DE SENA

Data: 07/06/2023 16:03:39-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Examinador(a) Externo(a) – Ma. Sandra Catarina Sena



Documento assinado digitalmente

ANDERSON DA SILVA ALMEIDA

Data: 09/06/2023 09:04:10-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Examinador(a) Interno(a) – Dr. Anderson da Silva Almeida

Dedicado a todas a mulheres negras,
guerreiras que enfrentaram o racismo à
brasileira.

Á memória de Ana Paula Palamartchuk.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família que é a minha base, aos meus pais Elaine Cristina e Enaldo Duarte, pela sua dedicação, apoio, incentivo, amor, investimento, e por acreditarem na única pessoa da família que tinha um sonho de entrar na universidade. Ao meu irmão Talyson Duarte que muitas vezes financiou a minha ida a universidade, pois era o único que trabalhava. Ao meu amor e companheira Beatriz Lourena, por toda a sua força, por acreditar em mim incondicionalmente e nunca soltar a minha mão. A toda minha família materna que vibra com as minhas conquistas, em especial a minha tia Elizângela, a minha segunda mãe.

Agradeço ao meu orientador e amigo Danilo Luiz Marques, por todo o seu acolhimento, por não pensar duas vezes em ser meu orientador, por me mostrar através das suas aulas, enquanto meu professor da graduação, que me tornar uma mulher negra vai além do meu tom de pele, por todos os projetos que trabalhamos juntos, em especial ao PIBIC, do qual ganhamos o prêmio de Excelência Acadêmica e por fim, por me apresentar ao NEABI/UFAL.

Agradeço ao meu professor de História do Ensino Médio Wellington Medeiros, o responsável pela minha decisão de cursar História Licenciatura, e a minha amiga Samara Toller, por toda a parceria e afeto durante todo ensino médio.

Agradeço às pessoas que fizeram parte da minha trajetória durante toda a minha graduação na Universidade Federal de Alagoas. Em especial aos meus amigos: Manuela Batista, Caroline Alcântara, Munik Cordeiro, Tiago Santos, Luiz Henrique, Diogo Limoeiro, Rayssa Aquino, Natana Tenório, Ticiane Késsia, Maria Caroline e Domício Fernando. Aos professores que enriqueceram e me apoiaram ao longo da graduação: A eterna Ana Paula Palamartchuk, Anderson Almeida, Clara Suassuna, José Roberto Santos Lima (Robertinho), José Alberto Saldanha de Oliveira e Irinéia Franco. A Sandra Sena, por aceitar o convite de defesa da banca de TCC.

Agradeço a todos que compõem o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFAL. Em especial as minhas amigas Ana Clara Miranda e Ewelyn Marília.

Ao meu amigo Filipe Pereira por todas as trocas de afeto e cumplicidade ao longo desses 14 anos de amizade.

Agradeço a minha Família espiritual, em especial aos meus pais de santo Fábio Araújo e Claudenir Rodrigues. A Deus, e todos os guias espirituais que me acompanham, especialmente aquele que me guia e traz todo Axé para a minha vida, meu Pai Oxalá, Epá Babá!

(...)

*Todos sonhos pretos
Grandes triunfos de uma vida
E quantos mais serão estrelas distantes?
E quantos mais?*

*Eu canto recomeço, possibilidade
Que quando nós tá só no mundo
Nós não tá só de verdade
Pois somos sóis*

*E cada pele preta
Brilha como faróis
E eu me acho, eu me vejo
Me guio no caminho
Vendo tranças nos cabelos*

*E eu me acho, eu me vejo
Me guio no caminho
Vendo tranças nos cabelos*

*Meu quilombo, minha fé
Eu paro e me perco no tempo
(...)*

*Cantada em eco, muitas vozes
E se eu berro, é que eu tô só
Mas já não como antigamente
Pois somos sóis*

*E cada pele preta
Brilha como faróis
Pois somos sóis*

*Farol da pele preta
Naty Barros*

RESUMO

Esta pesquisa objetiva estudar as ações do movimento social negro articuladas ao NEABI da UFAL, dentre elas: o Memorial Zumbi e tombamento da Serra da Barriga (1985). O Centro de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Alagoas, criado em 1980, e que atualmente se chama Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, desenvolveu estudos e pesquisas objetivando o tombamento da Serra da Barriga. O núcleo, que teve como primeiro diretor Décio Freitas (1980-1983), foi assumido pelo ativista negro e professor de História Zezito Araújo em 1983, o qual foi responsável pela construção de um vasto acervo documental que se encontra sob guarda da UFAL. *Além de toda documentação oficial do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi (atas, memorandos, ofícios, correspondências, mapas, projetos de arquitetura, etc.), possui mais de 200 horas de gravações em áudio (fitas k7), registros audiovisuais em VHS de eventos realizados entre as décadas de 1980 e 1990, cartazes de eventos e campanhas do movimento negro, atas de reuniões e panfletos de entidades negras e dezenas de registros fotográficos acerca das temáticas africanas, afro-brasileiras e indígenas, se constituindo como um dos principais locais de salvaguarda da memória de movimentos sociais que atuaram na redemocratização do Brasil e que sempre pontuaram: “Enquanto houver racismo, não vai haver democracia”. Neste trabalho, será dado um foco principal a atuação do movimento social negro brasileiro e, particularmente, alagoano, no I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares (1981), marcado pelo protagonismo negro assumindo a liderança do Projeto Memorial Zumbi.*

Palavras-chave: Redemocratização do Brasil; Movimento Social Negro; Quilombo dos Palmares.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo estudiar las acciones del movimiento social negro articuladas a la NEABI de la UFAL, entre ellas: la Memoria Zumbi y el listado de la Serra da Barriga (1985). El Centro de Estudios Afrobrasileños de la Universidad Federal de Alagoas, creado en 1980, actualmente denominado Núcleo de Estudios Afrobrasileños e Indígenas, desarrolló estudios e investigaciones con el objetivo de catalogar la Serra da Barriga. El núcleo, cuyo primer director fue Décio Freitas (1980-1983), fue asumido por el activista negro y profesor de historia Zezito Araújo en 1983, quien se encargó de construir un vasto acervo documental que está bajo custodia de la UFAL. Además de toda la documentación oficial del Consejo Deliberante del Memorial Zumbi (actas, memorandos, cartas, correspondencia, mapas, proyectos arquitectónicos, etc.), cuenta con más de 200 horas de grabaciones de audio (cintas K7), grabaciones audiovisuales VHS de hechos realizados entre las décadas de 1980 y 1990, carteles de eventos y campañas del movimiento negro, actas de reuniones y panfletos de entidades negras y decenas de registros fotográficos sobre temas africanos, afrobrasileños e indígenas, constituyéndose como uno de los principales lugares de salvaguardia de la memoria de los movimientos sociales que actuaron en la redemocratización de Brasil y que siempre señalaron: “Mientras haya racismo, no habrá democracia”. En este trabajo, se dará un enfoque principal a la actuación del movimiento social negro brasileño, y particularmente de Alagoas, en el I Simposio Nacional sobre Quilombo dos Palmares (1981), marcado por el protagonismo negro asumiendo el liderazgo del Memorial Zumbi Proyecto.

Keywords: Redemocratización de Brasil; Movimiento Social Negro; Quilombo dona Palmares.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MEMORIAL ZUMBI: O MOVIMENTO NEGRO E O I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE O QUILOMBO DOS PALMARES (1981)	15
3. O SIGNIFICADO DE PALMARES PARA A LUTA NEGRA.....	27
4. CONCLUSÃO.....	34
5. REFERÊNCIAS.....	37
6. ANEXOS	39

1. INTRODUÇÃO

O Brasil foi o último país do continente a abolir a escravidão, no dia 13 de maio de 1888. Doravante, essa abolição abandonou milhões de negros e negras “à própria sorte”, e foi seguida por políticas de branqueamento por meio do incentivo a imigração europeia. As culturas africanas e indígenas foram demonizadas com o intuito do apagamento total não só da memória da escravidão, mas de toda a contribuição não branca para o desenvolvimento do país.

Neste sentido, é possível notar que a luta da população africana e seus descendentes na diáspora vem desde a sua formação. A autora Iraneide da Silva Soares, em seu texto *Caminhos, pegadas e memórias: uma história social do Movimento Negro Brasileiro* (2016) pontua que a resistência negra acontece

desde a formação dos primeiros quilombos; das revoltas das quais os africanos escravizados e seus descendentes foram protagonistas; das irmandades de santo; clubes e agremiações; da denúncia ao racismo pela imprensa negra e tantas outras formas de resistência à escravidão e, por conseguinte, a violência de toda ordem. (SILVA, 2016, p. 71-87).

O surgimento da História do movimento negro (MN) no Brasil vem após um período de resistência ainda na escravidão, quando o povo negro foi forçado a viver na condição de escravizado, e foi neste cenário que os negros começaram a se unir, lutar e resistir. A trajetória do MN vem lançando mão de diversas estratégias de luta pela inclusão social, pela superação do racismo, e em busca da reparação da sociedade brasileira para com o povo negro, levando em consideração todos os direitos e locais que foram negados aos negros na História desse país no período que compreende o Pós-Abolição ¹.

Em seu artigo *Um Movimento Negro em Alagoas: A Associação Cultural Zumbi* (1979-1992), o autor Jeferson Santos da Silva (SILVA, 2006, p. 96-105) evidencia o aparecimento dos primeiros movimentos negros:

No Brasil temos o aparecimento das primeiras entidades do movimento negro com Clarim da Alvorada e O Progresso que se consolidariam mais tarde na Frente Negra Brasileira, em 1931. A FNB se consolidaria como a primeira entidade negra que mobilizaria de fato a comunidade afrobrasileira em alguns Estados. Apesar de ter criado uma contra-ideologia racial, a FNB incorporou muito do ideário branco-europeu em seus discursos, além de ter uma aproximação com o nacionalismo fascista da era Vargas, o que provocaria as

¹ O conceito de pós-abolição é entendido aqui como o período que se inicia com a abolição em 1888, e que só se esgotará quando a dívida social consequente de séculos de escravidão for superada. Ver: GOMES; MACHADO, 2015.

primeiras cisões. Em 1937, com a ditadura que se instaurou no Estado Novo, a FNB foi dissolvida. (SILVA, 2006, p. 96-105).

Com a instauração da ditadura civil-militar, vários movimentos sociais acabaram desmobilizados. Tal regime foi se tornando cada vez mais insustentável a partir da década de 1970, quando ocorreu a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, uma região metropolitana localizada a sudeste da grande São Paulo, formada pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Mauá. Ao mesmo tempo em que iam ressurgindo os denominados Novos Movimentos Sociais. (SILVA, 2003, p. 2.)

A partir dos anos 1970, portanto, os movimentos sociais incorporam uma postura contemporânea, visando o respeito a sua cultura e a política. No que concerne ao Movimento Negro, em nível nacional, é possível notar que algumas entidades, iriam incorporar a valorização dos padrões culturais e valorativos do negro e a construção de um discurso contestatório da ordem econômica vigente. (SILVA, 2003, p. 2).

Neste cenário, surge a entidade do movimento social negro brasileiro mais contundente: o Movimento Negro Unificado (MNU), consolidado em 1978. O ato público inaugural nas escadarias do Teatro Municipal, em São Paulo, transformaria a história da luta negra perante a sociedade brasileira (DOMINGUES, 2007, p. 100-122), foi graças a luta e os sonhos daqueles jovens e veteranos militantes negros e negras que organizaram o ato público, em plena ditadura civil-militar (1964-1985), que a luta para dar um fim ao silêncio do racismo diário e denunciar o mito da “democracia racial”² ganharia contornos maiores.

Em uma lembrança mais recente, membros do movimento foram celebrados no mesmo Teatro Municipal, onde há 45 anos organizaram o Ato Público Contra o Racismo, só que dessa vez, para assistir ao show do rapper paulistano Emicida, que junto com a plateia cheia do teatro, os celebrou assim:

Algumas pessoas, no auge da ditadura militar, tiveram a coragem de se levantar contra o Estado brasileiro e seu racismo assassino, e dizer que aquele país precisava reconhecer o protagonismo das pessoas de pele escura na sociedade brasileira. [...] Muito obrigado, sem os sonhos de vocês, sem a luta de vocês, nada disso seria possível.³

2 A ideia de que o Brasil era uma “democracia racial”, como foi defendido por Gilberto Freyre, tem sido desconstruída por vários autores desde a década de 1950. Ver: MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

3 **Amarelo**: é tudo pra ontem. Direção: Emicida. Produção: Fioti. São Paulo-SP: Netflix, 2020.

Os militares associavam constantemente o antirracismo ao comunismo. Os movimentos sociais negros lutavam pela preservação da sua cultura e contra o racismo, reivindicando igualdade de direito e a recuperação das suas memórias. Após os anos de 1970, o Movimento Negro aprofundou a sua atuação e análise e o debate acerca do racismo no Brasil cresceu em número e pluralidade de inserção de intelectuais que tratam da temática. (SILVA, 2016, pag. 74).

O movimento social negro alagoano será abordado aqui no que tange a sua reorganização no final dos anos 1970, compreendendo os motivos e a importância de sua existência, abordando a época e o que estava acontecendo no país e no Estado de Alagoas, destacando suas conquistas para a população negra.

Em Alagoas, temos o surgimento da Associação Cultural Zumbi (ACZ), entidade negra criada em 1979, em decorrência de um episódio de racismo envolvendo Marcelino Dantas, negro e estudante de medicina da UFAL, que foi convidado a se retirar de um baile no Clube Fênix Alagoana. Na ocasião, após uma reunião com 33 pessoas (31 homens negros e 2 mulheres negras), a ACZ se constituiu enquanto um dos principais grupos políticos do Estado de Alagoas, que tinha como objetivo o combate ao racismo. As reuniões aconteciam em sedes de escolas de sambas⁷ e nas dependências da UFAL, dessa forma, o grupo trabalhou de forma conjunta com o NEABI/UFAL ao longo dos anos 1980 e 1990, muito por conta da participação de Zezito Araújo e José Roberto Santos de Lima, ambos professores do curso de História da UFAL e integrantes da ACZ. (SILVA, 2006, P. 96-105).

Em seu artigo *Um Movimento Negro em Alagoas: A Associação Cultural Zumbi (1979-1992)*, o autor Jeferson Santos da Silva documento que:

Ao falarmos de movimento negro em Alagoas, é importante que nos remetamos ao século XVII, mais precisamente ao Quilombo dos Palmares. Tal volta ao passado não deve se dar de forma a buscar uma genealogia do protesto negro, que estaria inserido em uma forçosa evolução linear, mas sim estabelecendo-se uma análise comparativa das circunstâncias e injunções que permeavam e permeiam o protesto negro de ontem e de hoje. (SILVA, 2006, P. 96-105).

O Movimento Negro em Alagoas enquanto movimento político-social só começou realmente na década de 1980. Naquela época, a UFAL foi provocada pelo movimento social negro para realizar o I Encontro Nacional do Parque Histórico do Quilombo de Zumbi dos Palmares. A discussão da Serra da Barriga já estava em pauta no Projeto Rondon, em 1979. Por meio da Capes, do CNPq e do IPHAN, o governo federal participou desse evento, assim como vários segmentos do Governo

do Estado de Alagoas. Inicialmente, a ideia partiu de uma proposta ligada a Empresa de Administração de Turismo (EMATUR), que objetivava a criação de uma alternativa de turismo para Alagoas, articulando-se com o Projeto Rondon e, a partir daí, com o CNPq, por intermédio do então Reitor da UFAL, professor João Azevedo.

O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Alagoas, foi criado em 1980, na época nomeado de Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB), durante a Semana Zumbi, realizada na Casa Jorge de Lima, em União dos Palmares-AL, como parte das ações do “Projeto Memorial Zumbi: Parque Histórico Nacional”, conduzindo estudos e pesquisas sobre a Serra da Barriga, para que esta alcançasse o título de patrimônio histórico nacional (1985), com desdobramentos que levariam a criação da Fundação Cultural Palmares (1988).

Quando falamos em movimento negro aqui, não remetemos somente ao fato do movimento político-social, ou de quando surgem as primeiras entidades negras formais, mas sim de toda história da qual o povo negro foi submetido. Mesmo antes da Associação Cultural Zumbi (ACZ), existiram outras resistências e protestos negros aqui em Alagoas desde a formação do Quilombo dos Palmares, lugar de maior ocupação e a área territorial de resistência política à escravidão em Alagoas. Entretanto, a história desse estado também é marcada por episódios de extrema violência, como o Quebra de Xangô, ocorrido em fevereiro de 1912.⁵

A questão da intolerância religiosa no Brasil está relacionada majoritariamente ao racismo, pois a intolerância religiosa é praticada, em maior escala, contra os adeptos das religiões de matriz africana. O fato é que mesmo sem existir uma articulação como movimento, existiam as casas de terreiros de candomblé, os templos e as federações que constantemente sofreram e ainda sofrem intolerância religiosa e o racismo.

Desse modo, as religiões afrodescendentes passaram a ser vistas por diferentes entidades relacionadas à militância negra como importantes centros de resistência negra e aglutinadoras de uma identidade afro-brasileira (SANTOS, 2011). Neste sentido, apesar da luta contra o racismo religioso ter demorado um pouco para ser incorporada ao MN, esse debate vai ganhar espaço e visibilidade depois de 1980. Em Alagoas, temos o Núcleo de Cultura Afro-brasileira Iyá Ogunté (Casa de Iemanjá/Axé Pratygy Templo dos Orixás). Apenas em 1984, a Casa de Axé deixa de ser

5 O Quebra-Quebra, Quebra de Xangô, ocorrido em fevereiro de 1912, na cidade de Maceió, foi um dos episódios mais violentos de intolerância religiosa do país.

apenas uma instituição religiosa e torna-se também uma instituição sem fins lucrativos, que realiza atividades sociais, culturais e religiosas, se tornando a primeira casa de axé institucionalizada em Maceió e uma das primeiras em Alagoas, vindo a ganhar vários prêmios e comendas pela sua atuação na comunidade.

No início dos anos 1980, diversos seguimentos da população negra brasileira passam a se reunir anualmente em Alagoas para a peregrinação a Serra da Barriga, local que abrigou o Quilombo dos Palmares. Organizados em torno do Memorial Zumbi, debateram a história do negro no Brasil e propuseram políticas de ações afirmativas. As próximas linhas objetivam trazer um pouco dessa história.

2. MEMORIAL ZUMBI: O MOVIMENTO NEGRO E O I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE O QUILOMBO DOS PALMARES (1981)

A realização do *I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares* em 1981, aconteceu em decorrência do projeto Rondon, criado a partir do ano de 1979, e que visava resgatar a história da Serra da Barriga e construir o Parque Histórico Zumbi dos Palmares, mas o objetificando como um lugar de turismo.

O Rondon e a EMATUR tentaram promover aqui um seminário sobre a história do Quilombo dos Palmares. Evidentemente, eles chamaram a UFAL para fazer isso, já que o prof. Aloisio Galvão era um dos diretores da UFAL. E o prof. João Azevedo [reitor à época] provocou o CNPq, a CAPES e o IPHAN. (SANTOS, 2011, p. 109).

Durante o evento, o movimento social negro protagonizou uma série de discussões e reivindicações em relação ao processo que viria ser o Memorial Zumbi e posteriormente resultaria no tombamento da Serra da Barriga, em 1985. A principal fonte utilizada neste capítulo é o Relatório Confidencial do Serviço Nacional de Informações (SNI), que descreve minuciosamente os acontecimentos do *"I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares"*, realizado entre 16 e 20 de novembro de 1981, na Universidade Federal de Alagoas.

CONFIDENCIAL
SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA RECIFE

INFORMAÇÃO N.º 323, 119, ARE, 81

DATA: 04 DEZ 81

ASSUNTO: "I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE O QUILOMBO DOS PALMARES" -
MACEIÓ/AL.

ORIGEM: ARE/SNI

REFERÊNCIA:

DIFUSÃO ANTERIOR:

DIFUSÃO: AC/SNI

ANEXO: Relacionados no final desta INFORMAÇÃO

CÓPIA REMETIDA AO DI
ACE N.º 3377/81

1. Realizou-se no período de 16 a 20 NOV 81, em MACEIÓ/AL, no auditório "GUEDES DE MIRANDA", da Reitoria da UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL), o "I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE O QUILOMBO DOS PALMARES", promovido pelo CENTRO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS DA UFAL e pelo Projeto ZUMBI.

2. No dia 16 NOV 81, por ocasião da chamada das personalidades para comporem a mesa diretora, os militares representantes dos comandantes de organizações militares de MACEIÓ/AL foram vaiados ao se deslocarem para a referida mesa, o mesmo ocorrendo com o Dep Est PDS/AL JORGE DUARTE QUINTELA CAVALCANTI e com o Dep Fed PMDB/RS CARLOS SANTOS.

Tal manifestação deveu-se à presença de estudantes, os quais, sob a liderança de membros do DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UFAL (DCE/UFAL), constituíam o público que superlotava aquele auditório. Devido à intervenção do professor RADJALMA JACKSON DE ALBUQUERQUE CAVALCANTE, Reitor em exercício da UFAL, o fato não se repetiu durante todo o desenrolar do Simpósio.

3. Os pronunciamentos efetuados no transcorrer do evento estiveram sempre voltados para o aspecto da valorização cultural da raça negra, admitindo-se, na oportunidade, "a existência do racismo, pregado abertamente no BRASIL".

4. O Simpósio foi encerrado em 20 NOV 81, denominado "DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA", com uma peregrinação à SERRA DA BARRIGA, em

CONFIDENCIAL

Capa do Relatório do Serviço Nacional de Informações sobre o I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares (1981).

As atividades realizadas durante os dias que ocorreu o Simpósio foram inumeradas da seguinte forma:

Realizou-se no período de 16 a 20 nov., em Maceió/AL, no auditório "Guedes Miranda", da reitoria da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o "I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares", promovido pelo Centro de Estudos Afro-brasileiros da Ufal e pelo Projeto Zumbi." 2. No dia 16 de nov. 81, por ocasião da chamada das personalidades para comporem a mesa diretora, os militares representantes dos comandantes de organizações militares de Maceió/ AL foram vaiados ao se deslocarem para a referida mesa, o mesmo ocorrendo com o Dep. Est. PDS/AL Jorge Duarte de Quintela Cavalcanti e com o Dep. Fed. PMDB/RS Carlos Santos. 3. Os pronunciamentos efetuados no transcorrer do evento estiveram sempre voltados para o aspecto da valorização cultural da raça negra, admitindo-se, na oportunidade, a existência do racismo, pregado abertamente no BRASIL.

6

Como o evento ocorreu durante o período da ditadura civil-militar, vários

militares estiveram presentes para monitorar e produzir relatórios para o SNI. Eles associavam constantemente o antirracismo ao comunismo. Assim, os movimentos sociais negros, que lutavam pela preservação da sua cultura e contra o racismo, reivindicando igualdade de direito e a recuperação das suas memórias, acabaram sendo destaque no relatório. O item 5 do relatório descreve o que foi exigido pelo movimento social negro:

Foi exigido um marco do Memorial Zumbi, com a seguinte inscrição: 'Neste local, deverá se erguer um polo de luta pelo direito e pelo resgate dos heróis negros que dignificaram este País'. Os membros da diretoria do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi Parque Histórico Nacional, afirmaram que objetivavam tornar a Serra da Barriga, em União dos Palmares/AL, Capital do Estado Negro e Democrático de palmares, um local permanentemente de peregrinação e encontro de todos os brasileiros que lutam, sem preconceitos, pela democracia.⁷

A Universidade Federal de Alagoas convidou intelectuais e militantes negros do Brasil e do mundo, em especial africanos, para a criação do Parque Nacional do Zumbi do Palmares, não fazia ideia de que o povo negro iria reverter o caráter do projeto, que era predominante turístico. Mas, a partir dos anos 1970, os movimentos sociais haviam incorporado uma postura contemporânea, visando o respeito a sua cultura e a política. (SILVA, 2003, p. 2). Neste sentido, os militantes e intelectuais negros, conseguem reverter o ponto turístico e tornar o projeto ideológico, social e político. Um ano antes do simpósio foi criado o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Alagoas, em 1980, na época intitulado de Centro de Estudos Afro-Brasileiros, descrito no relatório do SNI da seguinte forma:

O Centro de Estudos Afro-Brasileiros foi fundado pela UFAL com a finalidade de realizar o "Projeto Zumbi", que compreende: a criação do Parque Histórico de Palmares, na Serra da Barriga, em União dos Palmares/AL e a leitura e interpretação de cerca de seis mil' manuscritos extraídos de arquivos portugueses, alusivos aos episódios e histórico do Quilombo dos Palmares.⁸

Um dos eventos mais importantes durante a programação do simpósio foi a conferência do historiador Décio Freitas, com o tema *Problemas Teóricos e Metodológicos da história de Palmares*, mediada por Lélia Gonzalez. Nos anos 1970,

7 SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simpósio nacional quilombo dos palmares_1981

8 SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simpósio nacional quilombo dos palmares_1981

Décio Freitas foi o historiador que mais se aprofundou sobre Palmares. Exilado desde o final da década de 1960, Freitas realizou uma extensa e profunda investigação em arquivos portugueses (GOMES, 2011, p.31). Na conferência, Décio aponta para alguns fatos na documentação palmarina e verbaliza sobre o termo quilombo nunca aparecer na documentação, o que vai acontecer só no século XVIII, antes disso, o termo era mocambo. “Mocambo era a forquilha que em Angola sustentava a cumieira das casas. Já o termo quilombo foi usado pelos senhores-de-escravizados em sentido pejorativo, já que se tratava em Angola de um depósito de escravizados dos jagas, caçadores e mercadores de escravos”.⁹ Segundo Décio Freitas, era possível identificar os quilombos brasileiros por tipologias:

Na base da sua produção econômica fundamental: a) quilombos agrícolas; b) quilombos extrativistas; c) quilombos de mineração; d) quilombos pastoris; e) quilombos mercantis; f) quilombos suburbanos ou de serviços; g) quilombos predatórios”. Palmares se inscreve basicamente no primeiro tipo, constituindo uma sociedade camponesa.¹⁰

De acordo com o historiador, Palmares se encaixava na tipologia do quilombo agrícola, por se tratar de uma sociedade camponesa. Dando seguimento à conferência, Décio fala sobre um tema polêmico e essencial, que atualmente causam debates extensos: a historiografia e fontes de Palmares.

O problema das fontes Palmarinas, as principais e as mais ricas fontes da história Palmarina no Brasil, são as Atas das câmeras das Vilas de Alagoas, Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, Santa Maria Madalena da Lagoa do Norte, Porto Calvo e até mesmo Penedo. Um médico Alagoano, no fim do século passado procedeu a leitura das Atas dessas câmeras, e a grafia era monstruosamente difícil de se ler, e ele entretanto leu um grande número dessas Atas, que constituem uma das fontes mais preciosas e ricas da história Palmarina. Na medida em que revela todas as contradições, do mundo escravista e do mundo colonial, revela também as contradições entre os conflitos e interesses dos senhores de engenhos. Entre eles a coroa Portuguesa, autoridades coloniais, como também os interesses e as vinculações deles com os próprios Palmarinos, essa é uma das fontes mais ricas da história Palmarina. Esse investigador foi Dias Cabral, foram publicadas na sua maior parte as leituras que ele efetuou. Nós não sabemos onde se encontram esses livros de Atas, eu já fiz buscas nesse sentido e não encontrei, fora isso, no Brasil as outras fontes da história Palmarina, se constituem de documentos copiados de arquivos portugueses publicados isoladamente em um ou outro trabalho, trata-se de cópias de transcrições a serem examinadas com grande cautela, já que é possível verificar que houve

9 . SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos palmares_1981

10 SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos palmares_1981

deficiências ou insuficiências de paleografia muitíssimo graves, algumas delas são infieis e cobrindo lacunas da documentação puramente inventivas.

11

Freitas crítica as fontes e a localização de difícil acesso, dado que as documentações se encontravam em artigos portugueses e não possuem catalogação, devido à serem milhares de manuscritos que exigiriam “ao menos 15 anos de pesquisa”, além de criticar manuscritos escritos por outros autores, afirmando deficiência nas informações:

Não há nenhum, absolutamente nenhum documento, produzido pelos próprios palmarinos. O historiador lida com documentação produzida apenas pelos inimigos dos palmarinos. Deste modo, trata-se de uma história indireta. Ela é mais entrevista do que vista; como se espiássemos através de um buraco de fechadura... O velho problema em que se esbarram os historiadores, o da falsidade ideológica da documentação, apresenta-se aqui agravado e multiplicado... Não há documentação que permita reconstituir a evolução interna de Palmares, e muito menos sua Formação Social... Foi por isso que em seu livro *Palmares: a Guerra dos Escravos*, fez logo da generalização, mas absteve-se de teorizar sobre a Formação Social Palmarina. VIII - A documentação produzida pelos inimigos dos palmarinos se ocupa fundamentalmente das peripécias militares. Daí que a história palmarina seja predominantemente uma história militar.¹²

Em relação às afirmações de Décio Freitas sobre a Historiografia e as fontes de Palmares, despertou-nos o seguinte questionamento: devemos deixar-nos valer de tais afirmações atualmente? Apesar de Décio ser um dos maiores pesquisadores sobre Palmares e ter uma indispensável atuação junto ao movimento social negro, nos deparamos com algumas indagações diante de tal abordagem sobre as fontes e historiografia Palmarina, visto que atualmente encontramos algumas contradições em relação ao que foi abordado por Freitas. Em seu livro *Palmares: Escravidão e Liberdade no Atlântico Sul*, Flávio Gomes (2011, p. 32) evidencia

O esforço de pesquisa mais completo sobre Palmares encontra-se mesmo na obra de Décio Freitas, no final da década de 1970 e início da de 1980. Suas análises trouxeram novos pontos de reflexão sobre o tema de Palmares. Enterraria em definitivo a tese do suicídio de Zumbi, abordaria a existência de “escravidão” no interior de Palmares e divulgaria (documento até hoje não transcrito e nem localizado por outros historiadores em pesquisas posteriores) a versão de que Zumbi fora capturado ainda pequeno em Palmares e educado em português por um jesuíta em Pernambuco, sabendo ler e escrever. (GOMES, 2011, p. 22).

11 Acervo NEABI/UFAL. Coleção Tombamento da Serra da Barriga. Fitas k7 do 1º Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares, 1981

12 SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simpósio nacional quilombo dos palmares_1981

A história de Palmares precisa ser revisada a partir de novas fontes, a exemplo de transcrições de manuscritos originais, possibilitando um caminho de novas pesquisas. Salientamos aqui, não é de certo, que as novas pesquisas contribuam com novas respostas sobre a história de Palmares. O argumento evidenciado aqui é a partir do contexto em que se faz necessário, que a história do povo negro precisa deixar de ser contada numa perspectiva eurocêntrica. Neste sentido, em um trecho do seu livro *Palmares: Escravidão e Liberdade no Atlântico Sul* (2011) Flávio Gomes (2011, p. 25) pontua :

A história de Palmares precisa ser relida à luz das experiências históricas do Império português e suas formas de domínio. Fundamentalmente, precisa ser relida à luz de uma história atlântica das estruturas e das agências. Necessita de reflexões articuladas tanto com a história de Angola quanto com as experiências conectadas do Atlântico Sul. Novas leituras a partir da história indígena e do indigenismo colonial dos séculos XVI e XVII. Mais ainda: uma releitura da história africana e desta no Brasil. Enfim, temos de retornar a Palmares. (GOMES, 2011, p. 27)

O relatório do SNI também aborda uma parte significativa e indispensável no processo da construção do Memorial Zumbi e, posteriormente, nos desdobramentos do tombamento da Serra da Barriga. É indicado no relatório a criação do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi por meio da articulação dos movimentos negros do país, dos descendentes de Zumbi para a sociedade brasileira. Durante a realização do Simpósio, no dia 18 de novembro, foram abordados os seguintes objetivos:

- Celebrar o Estado Negro e democrático de Palmares que existiu durante cinquenta anos (...), tornando conhecido de todo o nosso povo. - Construir um monumento no local que ficava a capital do estado negro e democrático de palmares, na Serra da Barriga, Alagoas, perpetuando a memória do nosso povo os grandes acontecimentos que ali se deram. – Tornar a Serra da Barriga, Alagoas, capital do Estado Negro e democrático de Palmares, um local permanentemente de peregrinação e encontro de todos os brasileiros que lutam, sem preconceitos, pela democracia.¹³

O conselho foi muito bem articulado, formado por lideranças do Movimento Negro de todo o País. Existiram outras representações na sua composição, como políticos e outras autoridades. Em seu texto *Memorial Zumbi: conquista do movimento*, o autor Joel Rufino dos Santos (2014, p. 105) relata como era composto

13 SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simpósio nacional quilombo dos palmares_1981

o Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi e sua diretoria.

A diretoria do Memorial Zumbi está constituída da seguinte maneira: primeiro, uma diretoria executiva composta de três membros, presidente, secretário-geral e tesoureiro-geral”. Essa diretoria executiva é responsável perante o conselho deliberativo, o qual é formado em parte por representantes de instituições não governamentais do movimento negro, ou a ele ligados, e complementarmente por representantes de órgãos públicos, tais como a prefeitura da União dos Palmares (o município onde está localizada a Serra da Barriga), a Fundação Nacional Pró-Memória, o governo do estado de Alagoas e alguns outros órgãos públicos, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal do Nível Superior (Capes) . O conselho deliberativo é eleito de quatro em quatro anos por uma assembleia geral, da qual fazem parte todos os movimentos organizados, intelectuais e lideranças políticas de algum modo afinadas com o Memorial ou que tenha, em algum momento, reconhecidamente prestado serviço à causa negra. (SANTOS, 2014, p. 102-107).

O Memorial Zumbi foi uma conquista mediante a preservação da história de Palmares, uma iniciativa para preservação do patrimônio cultural e o consequente tombamento da Serra da Barriga, a partir do protagonismo do Movimento Negro, que se faz presente em Alagoas nos anos 1980 quando reverte a proposta do intuito do “Projeto Zumbi” em relação a criação do Parque Histórico Nacional, que visava transformar um lugar onde aconteceram episódios de resistência e de protesto negro em ambiente meramente “turístico”. Vale ressaltar que o *I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares*, além trazer lideranças negras de todo País e da África, trouxe a participação do movimento estudantil de universidades de outros estados, além do DCE UFAL Quilombo dos Palmares, dando, assim, a dimensão da importância de todos aqueles que lutaram e buscaram entender a história Palmarina. Em relação às conquistas como consequência da realização do I Simpósio e da criação do Memorial Zumbi, temos um marco inicial e importante: trata-se da consagração da peregrinação a Serra da Barriga no dia 20 de novembro, do qual o movimento negro virou notícia, promoveu o debate sobre o papel do negro na sociedade brasileira e na formação histórica do País. (Santos, 2014, p. 104).

O documento do SNI, descreve que a programação do Simpósio foi de extrema importância para o Movimento Negro. O dia 18 de novembro de 1981 ficou marcado pela criação do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi e pela Conferência do historiador Clóvis Moura, com o tema *A Formação Social Palmarina*¹⁴. Clóvis Moura,

assim como Décio Freitas, também se aprofundou e tentou “entender” Palmares. Moura foi um jornalista, sociólogo, historiador e escritor brasileiro, que produziu importantes estudos sobre a escravidão e sobre a resistência dos negros no Brasil. Entre seus escritos está *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*.

Décio foi o mediador da conferência e citou Clóvis como um dos pioneiros a escrever sobre o tema de rebeliões da senzala, e cita que foi um dos historiadores influenciados por essa obra. Moura começa sua fala abordando a proposta de fazer uma rediscussão sobre a proposta da República de Palmares:

Evidentemente, não há possibilidades de se verificar se Palmares, reproduziu, integral ou parcialmente a estrutura de comunicação oral Africana, aplicando ao seu território, mas será interessante ao se estudar a sua realidade social levando em conta que ao que tudo indica, esse código se conservou pelo menos parcialmente, quebrada em Palmares a continuidade das organizações, segmentos, por pessoas passando a experiência comunitária de geração a geração extingue-se praticamente essa memória coletiva sem deixar vestígio significativo do presente de tudo isto surge dificuldade de se conseguir aquilo que poderíamos chamar de uma visão exata da estrutura e da dinâmica da República de Palmares, finalmente com o coroamento dessas dificuldades a todo passado de historiografia tradicional, conservadora, e ideologicamente comprometida, e que procuramos esconder, ou, escamotear o verdadeiro significado e importância sociológica, histórica, política, urbana, que foi Palmares.¹⁵

Clóvis falou de uma realidade que ainda nos deparamos atualmente, tendo em vista que o Simpósio ocorreu em 1981, e ainda hoje - 2023 - há uma distorção do que foi a República de Palmares, ideologicamente comprometida pelos ditadores da sua história e os que ainda acreditam em uma versão eurocêntrica, no sentido de abafar a barbárie que foi a escravidão. Nos deparamos com tais discursos:

Seus antepassados não eram pobres coitados, mas, em muitos casos, pessoas prósperas, que não abaixavam a cabeça. Nos tempos do Brasil colonial, a escravidão era vista como algo natural. Portanto, era de se esperar que negros em ascensão na sociedade, como Zumbi, tivessem escravos também. Todos os negros eram subjugados pelos portugueses. Quando chegavam ao Brasil na condição de monarcas, os negros não sofriam os mesmos maus-tratos dos escravos. Alguns vinham até para estudar, como é o caso dos filhos do rei Kosoko, de Lagos, na Nigéria. O pai enviou os filhos ao Brasil provavelmente de carona num navio negreiro cheio de escravos vendidos por ele.¹⁶

Esta impropriedade descrita acima é apenas uma parte minúscula de várias

15 Acervo NEABI/UFAL. Coleção Tombamento da Serra da Barriga. Fitas k7 do 1º Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares, 1981

16 Disponível no site educacao.uol.com.br/ acessado em 27 de julho de 2022.

produções revisionistas e negacionistas que nos deparamos no Brasil, algo que silencia a história de luta do povo negro.

As elites utilizaram um discurso negativo em relação a Palmares, algo reforçado na memória local “através de uma educação oficial que vangloriava a vitória das forças contrárias aos quilombos da ‘civilização sobre a barbárie.’” (SANTOS, 2013, p. 07-33). Por esse motivo, o *I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares* foi e é tão importante para que o povo negro continue resistindo e seja o protagonista da sua própria História. Essa resistência nasce na escravidão, quando o povo negro foi forçado a viver na condição de escravizado, e foi neste cenário que os negros começaram a se unir, lutar e resistir. A partir daí, sua trajetória vem de diversas estratégias de luta pela inclusão social, a superação do racismo, e em busca da reparação da sociedade brasileira para com o povo negro, levando em consideração todos os direitos e ambientes que foram negados aos negros na história desse país no período que compreende o Pós-Abolição.

Durante sua intervenção no simpósio, Clóvis Moura relacionou a análise sociológica da estrutura da República de Palmares por meio da economia palmarina. Trouxe dados acerca das qualidades das terras, as práticas de agricultura, os recursos hidrográficos, a vegetação, a fauna regional, entre outros, assim Clóvis cita esses fatores como base física da ideia que se tinha da estrutura de Palmares e de como esses fatores contribuíram inicialmente na economia local:

Transformou-se Palmares no mais sério obstáculo ao desenvolvimento da economia de escravismo colonial da região. Como a região na época, era a mais importante para a prosperidade desse tipo de economia podemos aquilatar a preocupação que Palmares representava para as autoridades da Metrópole.¹⁷

Indicou como a população de Palmares se multiplicou e cresceu demograficamente, apontando para o fato de que todos os que escreveram sobre Palmares, a sua época, levava em conta a região, de como era fértil, citando o exemplo de Edson Carneiro, que a descreveu como muito montanhosa e difícil, com morros, colinas, montes, montanhas, rochedos a piques se estendiam a perder de vista. O historiador descreve como aconteceu esse crescimento demográfico:

17 SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos palmares_1981

O crescimento demográfico da república continua a partir desse núcleo básico, ininterruptamente, apesar do desgaste que as perdas em ações militares para a defesa do reduto proporcionavam. Diversas situações surgiram, permitindo, por outro lado, o aumento das fugas que iriam fazer engrossar a sua população. Uma delas foi a ocupação holandesa em Pernambuco, fato que desarticulou e desorganizou as estruturas de dominação nativas e portuguesas, criando condições para que os escravos, aproveitando-se dessa situação, fugissem para as matas, especialmente para Palmares.¹⁸

O crescimento demográfico da República de Palmares se deu também de outras formas. Clovis cita que o ingresso no território palmarino integrou indígenas, “salteadores”, “fugitivos da justiça de um modo geral e elementos de todas as etnias que se sentiam oprimidos pelo sistema escravista.”¹⁹ O historiador, durante toda a conferência, passou por vários pontos em relação a como seria a República de Palmares e porque deu certo por muito tempo. No presente texto aparecem apenas alguns dos pontos cruciais.

No fim da Conferência, Clovis faz a sua fala mais importante sobre o que significou o Quilombo dos Palmares, os seus heróis, e o que ainda significa atualmente para os seus descendentes e o Movimento Negro.

O que levou Palmares a condição de ser extinto foi, pelo contrário a sua estrutura comunitária que se chocava com sistema baseado no escravismo colonial. Aqui nos parece, é que está a chave do problema. Palmares era a negação, pelo seu exemplo econômico, político e social da estrutura escravista-colonialista. O seu exemplo era um desafio permanente e um incentivo as lutas contra o sistema colonial. Daí Palmares ter sido considerado um valhacouto de bandidos, e não uma nação em formação. Desta forma, quando Ganga Zumba procurou um acordo com a estrutura opressora do colonialismo, entrando em acordo com os seus representantes, a comunidade palmarina teve reservas de dinamismo interno para se colocar contra tal atitude e de reestruturar social, política, ideológica e militarmente para continuar a guerra.²⁰

Clovis se encaminha para o final da conferência falando da importância da figura de Zumbi dos Palmares, que não apareceu por acaso, Zumbi que foi a síntese da capacidade, da organização e de resistência a República, o seu herói símbolo porque sintetizou, na sua biografia, a biografia do povo que ele representou e pelo

18 SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos palmares_1981

19 Acervo NEABI/UFAL. Coleção Tombamento da Serra da Barriga. Fitas k7 do 1º Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares, 1981

20 Acervo NEABI/UFAL. Coleção Tombamento da Serra da Barriga. Fitas k7 do 1º Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares, 1981

qual deu a vida.²¹

3. O SIGNIFICADO DE PALMARES PARA A LUTA NEGRA

A programação do dia 18 de novembro de 1981 terminaria com a Mesa-Redonda de tema *O Significado de Palmares para os negros Brasileiros*, formada por grandes intelectuais e ativistas do Movimento Negro Brasileiro, tais como Zezé Mota (atriz), Joel Rufino dos Santos (historiador), Lélia Gonzalez (Socióloga), Carlos Santos (Deputado Federal), Hamilton Bernardes Cardoso (Jornalista) e Zezito Araújo (Professor UFAL e membro da ACZ). A mediação da mesa ficou por conta de Clovis Moura (historiador e sociólogo).



Cartaz do Mês da Consciência Negra – Novembro de 1981. Acervo Neabi/UFAL.

Lélia Gonzalez começa enriquecendo a mesa falando da importância do 20 de Novembro para o povo negro e, depois, parte para a sua fala principal do debate, que é sua indagação sobre qual foi o papel da mulher na sociedade palmarina.

Mas cabe a mulher negra aqui uma pergunta: onde é que a mulher negra entra nesse papo? Será que vamos falar de Dandara ou de Luísa Mahim? Não especialmente mais enquanto quilombolas, não há dúvida. E claro que aqui o termo está sendo tomado num sentido metafórico mesmo. A mulher negra tem sido quilombola exatamente porque a ela, podemos dizer que a identidade cultural brasileira passa necessariamente pelo negro²²

21 Acervo NEABI/UFAL. Coleção Tombamento da Serra da Barriga. Fitas k7 do 1º Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares, 1981.

22 *Folhetim*, São Paulo, 22/11/1981.

No texto, Lélia chama atenção para o fato da mulher negra ser vista como dois tipos de permanência na cabeça das pessoas citando que, quando escravizadas, elas trabalhavam nas plantações de café e cana de açúcar e incentivaram seus companheiros nas revoltas, fugas e formação de quilombos. Porém, em Palmares, a coisa era diferente; as mulheres palmarinas iam para a linha de frente defender o Quilombo dos Palmares das tentativas de invasão. A segunda imagem da mulher negra, é a imagem da doméstica: enquanto escravizada, ela tinha contato direto com os seus senhores e violadores, já que a mulher negra era violentada constantemente, viravam mucamas ou amas de leite. Lélia afirma que foi justamente dessa aproximação e convivência na casa-grande do seu dominador que a mulher negra começou a entrar na cabeça deles, exercendo a função materna e popularizando o termo de “mãe preta”.

Atualmente, ainda temos a mulher negra fixada com a imagem de que só serve para trabalhar em serviços domésticos. Isso ainda é explícito em novelas e filmes brasileiros, por exemplo, onde a mulher negra é a empregada doméstica. Fazendo uma comparação com o termo “mãe preta”, atualmente temos várias polêmicas com as “babás” que criam os filhos dos “patrões” e, em sua maioria, são mulheres pretas. Neste sentido, a situação da mulher negra do passado e de hoje em dia não mudou muita coisa.

Segundo Lélia, a mulher negra é uma herdeira quilombola porque, independente do lugares que ocuparam, sendo elas mulheres negras conhecidas ou anônimas, lutaram contra o racismo, machismo ou sexismo. Levando sua cultura e sua fé e preservando, assim, a sobrevivência do povo negro enquanto raça e cultura. (Gonzalez, 2020 p.182)

A partir da sua conscientização, a mulher negra entende que, assim como todas as situações diárias de que elas sofrem, suas ancestrais também passaram e resistiram para que hoje elas possam existir. Neste sentido, a mulher negra será sempre herdeira das suas.

Lélia comenta como é que as mulheres negras celebravam o 20 de novembro em Alagoas:

Aqui nas Alagoas, um grupo de mulheres negras de diferentes estados, representantes ou não de movimentos negros, se preparou para subir a serra da Barriga, onde se situava a capital de Palmares, o mocambo do Macaco. O

projeto do Memorial Zumbi, do qual fazemos parte, realizou um ato solene, uma homenagem a Zumbi, no 20 de novembro. (GONZALEZ, 2020, p. 182).

Após a fala de Lélia Gonzalez, foi a vez de Hamilton Cardoso, militante negro trotskista, falar sobre os significados de Palmares para a luta negra. Hamilton fez uma cobertura de todo o simpósio e publicou suas impressões do *Folhetim*, de 22 de novembro de 1981. O texto *O Quilombo de cada um* traz reflexões críticas com acidez, importantes para entender a magnitude do que foi o evento. O *Folhetim* também publicou a fala de Lélia Gonzalez *Mulher Negra, Essa Quilombola*.



Folhetim, São Paulo, 22/11/1981.

Em sua contribuição para o debate da mesa, Zezito Araújo problematiza a questão do Negro brasileiro. Ele aponta para o fato de não se sentir representado no Simpósio. Zezito argumenta que o negro brasileiro não está representado, apontando para o fato da sua presença no Simpósio se tratar de um privilégio; que, em sua maioria, o negro brasileiro é alagoano que precisa ser ouvido, esclarecido, e foi esquecido a margem da sociedade.

Não queremos aqui trazer os negros de todo o Brasil, da periferia, da “palha da cana”, não. Estamos falando de uma representação de um negro, seja ele da escola de samba “Unidos do Poço” daqui da Treze de Maio ou coisa que o valha, este sim é aquele que está aqui para sentir o problema e levar para o seu grupo, é uma valorização dessa que o negro precisa! Ou será que o negro vai continuar a ser estudado, como disse Nina Rodrigues, em “forma de laboratório”? Já está na hora da gente parar! não estou aqui invalidando todo este trabalho desenvolvido, mas estou chamando a atenção para este detalhe, então, é necessário que pense no negro, aquele que necessita da

compreensão, e não na forma paternalista que sempre nos trataram até hoje! Não precisamos de paternalismo mais, Zumbi deu esse exemplo!²³

Zezeito Araújo cita como exemplo a figura de Zumbi, o grande líder de Palmares, símbolo da resistência negra, que lutou pelo seu povo. Ali começava a luta do negro brasileiro, a quem Zezeito se refere na palestra. A partir daí, surgem os vários levantes e rebeliões em todo país, em busca da liberdade. Apesar de todo o genocídio sofrido por todo povo negro, a luta sempre persiste, e continua no presente por todos os nossos ancestrais e antepassados, que resistiram para que o negro tenha o seu lugar de direito na sociedade, e essa organização vem dos movimentos negros.

O negro brasileiro, através do memorial Zumbi, através dos movimentos negros existentes em todo Brasil, ele vai deixar de ser um subserviente dessa sociedade para chegar a ser aquilo que todos dizem por aí “o negro brasileiro tem o seu lugar na sociedade”, mas me parece que ele vegeta na sociedade, porque esta própria sociedade o marginaliza, o coloca em último plano, em todos os aspectos, o negro brasileiro hoje, está lutando com a sociedade brasileira, porque o mal do regime escravocrata não foi um mal só para o negro, foi para a sociedade brasileira, está inserida no sangue do negro e daquele que se diz branco, porque os dois tem vergonha de lembrar a escravidão!²⁴

Zezeito continua a sua fala, apontando para o fato de como a organização é importante, e de que com a sociedade problematiza essa organização que se dá através da representação dos movimentos negros, e a sociedade brasileira problematiza o sentindo desses movimentos, muitas vezes indagando se é segregação racial - aqueles disparates que ouvimos, sobre o negro ter preconceitos com ele mesmo. Um exemplo disso são as ações afirmativas, que são vistas como privilégio, “menosprezo com a própria capacidade”, “roubo de vaga” e que, pela maioria das vezes, não é respeitada em cumprimento, além de vários casos de fraudes cometidas pelos não sujeitos de direitos.

Além da organização, temos o fato do negro brasileiro, ter medo ou receio de assumir a sua identidade.

Que o negro não tenha medo de assumir sua identidade! Que o nosso sistema educacional veja a nossa história! Observe que o caminho que vem dando para a nossa educação está marginalizando cada vez mais o homem

23 ARAÚJO, Zezeito. *O Significado de Palmares para a Luta Negra*. I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares (1981). Acervo NEABI/UFAL.

24 ARAÚJO, Zezeito. *O Significado de Palmares para a Luta Negra*. I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares (1981). Acervo NEABI/UFAL.

oprimido, que em sua maioria é o negro.²⁵

Ao final da sua fala, Zezito Araújo também problematiza o fato da importância da educação para a conscientização do negro brasileiro. Que não adianta cobrar essa conscientização, sem base da formação do sistema educacional. Neste sentido, Zezito problematiza a questão do acontecimento do simpósio, pelo motivo que ele citou no começo da palestra: a questão de que ele e a maioria das pessoas que participavam do evento, eram um grupo privilegiado, mas que, em sua maioria, o negro brasileiro ainda vivia à margem da sociedade e sem acesso à essa formação.

E, de repente, se exige do negro e do homem brasileiro o comportamento consciente para se assumir e se firmar na sociedade. Eu peço companheiros brasileiros, irmãos brasileiros, negros e aqueles que não se dizem negros, é necessário que todos ponham na cabeça, que esse Brasil racista só vai mudar quando a gente começar a pressionar esse sistema educacional, e esta educação e todos os setores sociais para uma mudança, e esta mudança só acontece do momento em que cada brasileiro comece a mudar a sua cabeça para uma transformação total.²⁶

Apesar dos questionamentos de Zezito acerca do Simpósio, este foi de suma importância para os desdobramentos que viriam a seguir. A partir do I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares, temos o Memorial Zumbi ganhando uma impulsão que fortaleceria o NEABI/UFAL e o tombamento da Serra da Barriga enquanto fruto do Movimento Negro. Neste sentido, o argumento de que a educação é sim de extrema importância para a conscientização da população negra. Por isso, Zezito cita que as pessoas que estavam no evento era um grupo privilegiado, porque tiveram esse acesso a essa educação e conscientização, e que puderam assumir a sua identidade. Atualmente, uma parcela significativa da população negra, ainda vivem à margem da sociedade brasileira. Refém de um o sistema educacional com muita influência europeia, sem conscientização no sistema da educação básica brasileira. O sistema educacional nas universidades federais, a historiografia negra acaba proporcionando a consciência da identidade negra, e luta por aqueles negros brasileiros que não tem acesso a este privilégio que, na verdade, é um direito.

Após a fala de Zezito Araújo, a atriz e cantora Zezé Mota contribui com o seu depoimento para a mesa. Zezé começa falando da importância de discutir o problema do negro no país e afirma que tomou consciência de como a ideia de democracia

25 Idem.

26 Idem.

racial “é mentirosa, e a gente passa a ter consciência disso, a partir do momento em que tem condições de competir, daí o fato de estarem presentes meia dúzia de negros privilegiados, né professor Zezito?”²⁷

Quando Zezé Mota afirma que a democracia racial é uma farsa, ela está se referindo ao fato de quando disputa uma personagem em sua profissão de atriz com uma mulher branca, sobra a ela, como mulher negra, o papel de “escravizada” ou “empregada doméstica”. Não há papel de uma protagonista, e sim a ausência do negro em posição de relevo social, ou ascensão social. A historiadora Beatriz Nascimento traz uma indagação sobre o assunto: “Se somos parte integrante de uma democracia racial, porque nossas oportunidades são mínimas em comparação aos brancos?” (NASCIMENTO, 2021, p. 66) Beatriz Nascimento também questiona a democracia racial defendida pelo autor Gilberto Freyre, que em suas falácias afirmou que “O Brasil fica cada vez mais moreninho. Cabe a ele não só a obra pioneira desse tipo de ideologia como grande parte na crença na tolerância racial brasileira.” (NASCIMENTO, 2021, p. 64).

Quando Gilberto Freyre fala do termo “moreninho”, ele romantiza a ideia da miscigenação. Nesse sentido, a autora Lélia Gonzalez²⁸ também vai tecer críticas ao sociólogo pernambucano:

É por aí que a gente deve entender que esse papo de que a miscigenação é a prova da ‘democracia racial’ brasileira não está com nada. Na verdade, grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violência, de manipulação sexual da escrava.²⁹

Neste sentido, as autoras Beatriz Nascimento e Lélia González corroboram com a fala da atriz Zezé Mota sobre o mito da democracia racial, já que só vai existir tal democracia quando o negro tiver as mesmas oportunidades sociais de pessoas brancas e quando o racismo que sofremos diariamente acabar. Zezé Mota, continua sua participação na mesa descrevendo quais foram as razões que a levaram a ter consciência como mulher negra, e de qual era seu papel nesta luta.

Nessa sede de saber, de suprir e denunciar o problema do negro. Veio também, a partir do momento e que eu tomei consciência que enquanto

27 MOTA, Zezé. O Significado de Palmares para a Luta Negra. I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares (1981). Acervo NEABI/UFAL.

28 Beatriz Nascimento e Lélia Gonzales participariam da assessoria técnica do filme *Quilombo* (1984), de Cacá Diégues.

29 Mulherio, ano I, nº 3, setembro/outubro de 1981, p. 9.

mulher, negra e pessoa pública, da minha responsabilidade perante todos os negros brasileiros. Depois do sucesso de *Xica da Silva*, eu comecei a receber cartas de muitos negros, dizendo que depois que eu consegui de muita batalha fazer sucesso, eles estavam mais animados, cada um no seu departamento a desistir.³¹

Quando Zezé Mota se refere a sua conscientização e responsabilidade como mulher negra e figura pública, ela faz alusão ao que aconteceu depois do filme de sucesso *Xica da Silva* (1976). No trecho acima, ela cita as cartas que recebeu de vários negros animados e incentivados a obter sucesso em seus departamentos de trabalho, assim como ela. Parte da sua conscientização também vem de duras críticas que Zezé Mota recebeu do Movimento Negro, que a acusou de “trair” a causa do movimento ao aceitar o papel da *Xica da Silva*, sob a ótica que o cineasta Cacá Diegues retrata a mulher negra, considerada equivocada, racista, estereotipada e sexualizada.

A autora Lélia González saiu em defesa de Zezé, em uma entrevista concedida à jornalista Mali Garcia para o documentário *As Divas Negras do Cinema Brasileiro*, produzido por Ras Adauto e Vik Birkbeck para a Enugbarijo Comunicações, no ano de 1989. Lélia apontou que não era a Zezé Mota quem deveria receber tais críticas.

É uma autocrítica muito grande que o Movimento Negro precisa fazer. Não era a Zezé Motta a responsável pela imagem do filme, mas o diretor. A partir daí, eu me solidarizei com ela. Saí em defesa da Zezé. Toda crítica que o Movimento Negro fez em relação ao filme, jogou em cima da [Zezé]. É uma das grandes contradições que nós temos. De repente, não vemos onde está o inimigo. A gente fica achando que é um companheiro ou uma companheira que está em uma determinada situação e a gente a acha que é o culpado. E é por isso mesmo que eu me solidarizei à Zezé.³²

Depois desse papel, Zezé Mota foi legada ao ostracismo, e aconteceu aquilo que ainda acontece atualmente com os negros e negras: os papéis secundários. Zezé passou a ser convidada a atuar em papéis de empregada doméstica ou escravizada. Lélia chamou a atenção para o fato que na época:

(...)existiam outras atrizes negras de uma força de interpretação extraordinária, mas que o espaço delas na sociedade já está predeterminado dentro do espaço da atuação, fora o não respeito a potencialidade dessas

31 MOTA, Zezé. O Significado de Palmares para a Luta Negra. I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares (1981). Acervo NEABI/UFAL.

32 TOLENTINO, LUANA 31.07.2020 11:59 Lélia Gonzalez e o “cancelamento” de mulheres negras. retirado de <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/lelia-gonzalez-e-o-cancelamento-de-mulheres-negras/> acessado em 10 de abril, 2023.

atrizes e as diferenças de salário em comparação a atrizes brancas, as mulheres negras recebem bem abaixo, as mulheres em geral na recebem menos que os homens.³⁴

Voltando ao I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares, Zezé Mota relata momentos em que sofreu racismo ao longo de sua trajetória como atriz e de como a sua conscientização a fez se engajar no Movimento Negro. Ao final de sua fala, Zezé fecha a mesa de forma esplêndida, atendendo a pedidos fervorosos da plateia desde o início de sua fala para que ela cantasse. É assim Zezé Mota dedica à música *Senhora Liberdade* (Nei Lopes) a todos os negros brasileiros e a todos que se fizeram presente ao I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares em 1981.

Abre as asas sobre mim
 Ó, senhora liberdade
 Eu fui condenado
 Sem merecimento
 Por um sentimento
 Por uma paixão
 Violenta emoção
 Pois, amar foi meu delito
 Mas foi um sonho tão bonito
 Hoje estou no fim
 Senhora Liberdade
 Abre as asas sobre mim
 Hoje estou no fim
 Senhora liberdade
 Abre as asas sobre mim
 Não vou passar por inocente
 Mas já sofri terrivelmente
 Por caridade, ó liberdade
 Abre as asas sobre mim
 Por caridade, ó liberdade
 Abre as asas sobre mim
 Abre as asas sobre mim
 Ó senhora liberdade
 Eu fui condenado
 Sem merecimento
 Por um sentimento
 Por uma paixão
 Violenta emoção
 Pois amar foi meu delito
 Mas foi um sonho tão bonito
 Hoje estou no fim
 Senhora liberdade
 Abre as asas sobre mim...

34 Idem.

4. CONCLUSÃO

O *I Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares* foi um dos marcos na História do Movimento Negro. Desde a sua formação, o quilombo significa resistência, luta, ancestralidade e exemplo. O Simpósio, além de contar com nomes importantes para o Movimento Negro no Brasil, promoveu uma grande organização e esforço de inúmeras entidades do Movimento Negro. Um esforço coletivo, a fim de reivindicar o solo sagrado da Serra da Barriga, além de implantar um polo de cultura e libertação afro-brasileira, que foi possível com o Memorial Zumbi.

Em Alagoas, ainda no fim da década de 1970, temos outro marco histórico no movimento social negro. Em 1979, surgia a Associação Cultural Zumbi (ACZ), que trouxe para o debate público a questão racial no Brasil e, em especial, em Alagoas, acerca da contribuição daqueles que optaram por atuar primordialmente nessa esfera.

A Associação Cultural Zumbi foi uma entidade negra criada em 1979, em decorrência de um episódio de racismo envolvendo Marcelino Dantas, negro e estudante de medicina da UFAL, que foi convidado a se retirar de um baile no Clube Fênix Alagoana. Na época, Vanda Menezes foi chamada para uma reunião para discutir isso. Foram 33 pessoas: duas mulheres e 31 homens, que se reuniram na UFAL, porque Zezito Araújo, professor do curso de História e que viria a ser um dos fundadores da ACZ, já estava na universidade. Zezito também foi diretor do NEABI-UFAL.³⁶ Segundo Vanda Menezes:

A Associação Cultural Zumbi era um grupo político. Era um movimento político, que revolucionou aquela cidade e o estado como um todo. Foi a Associação Cultural Zumbi que constituiu o Memorial Zumbi, que brigou para tombar a Serra, para desapropriar a Serra. Foi a Associação Cultural Zumbi. A gente constitui a ACZ, logo depois, em 1981, se faz o primeiro Neabi, Núcleo de Estudos Afro Brasileiros da universidade. Em fevereiro de 1981, a Associação cultural se constitui em uma organização com estatuto, passado em cartório. Era responsável pelos 20 de novembro, se tornando a referência. Depois surgem outras entidades, E depois se começam muitos grupos culturais: bandas, grupos de capoeira, de dança afro. Mas tendo sempre na Associação Cultural Zumbi o porto seguro. A discussão política era com a associação. Nos anos 90 acontece a desarticulação da Associação cultural.³⁷

A Associação Cultural tinha atividades para além do viés político, e trabalhavam com a educação e religião. Visitavam escolas para desfazer o 13 de maio e constituir

36 BARBOSA, Vanda Maria Menezes. Vanda Maria Menezes Barbosa (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 35min).

37 BARBOSA, Vanda Maria Menezes. Vanda Maria Menezes Barbosa (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 35min).

o 20 de novembro. Em 1984, a Associação tinha o levantamento de todos os terreiros do Estado. As atividades relacionadas aos terreiros era a questão da consciência negra. Uma das principais lutas da associação cultural junto com a NEABI foi o tombamento da Serra da Barriga. Vanda Menezes revela que:

A gente levou muito tiro de soca-tempero lá em cima. É o tiro de uma espingarda que não te mata. Mas dói! [riso] é uma coisinha assim que eles botam na... socam, socam, socam e atiram. E a gente levou muito. Porque os fazendeiros, os donos não queriam que a gente demarcasse. Quando começou a piquetagem, não deixavam a gente ir só, porque era ameaçado de morte. Então ia de bando. Nós tomamos a Serra, na realidade.”³⁸

Na primeira caminhada da Serra da Barriga, a ACZ fez parte do Comitê Memorial Zumbi. A partir de 1980, o Memorial Zumbi foi o responsável por dar condições de discutir a Serra da Barriga e querer o tombamento que aconteceu em 1985. Dois anos depois, aconteceu a desapropriação da Serra da Barriga. Não foi um processo fácil, pois os “proprietários” não queriam abrir mão. Foi uma luta grande para fazer o Memorial, e não foi só uma luta da Associação e do NEABI. O Memorial Zumbi foi fundamental para essa luta. Outras lideranças negras de fora de Alagoas, como Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez, vinham para cá e discutiam e exigiam isso.

39

A Associação Cultural Zumbi, enquanto uma das primeiras entidades do movimento negro alagoano, pôde discutir e inserir no estado a preocupação com a comunidade afro-alagoana enquanto particularidade de uma população. (SILVA, 2003, p. 10). Neste sentido, podemos concluir que Associação Cultural Zumbi foi fundamental em sua fundação e atuação, assim como o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Alagoas (NEABI/UFAL).

Desde a criação da ACZ, passando pela atuação no I Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares, no Memorial Zumbi e por fim, sua participação no processo do tombamento da Serra da Barriga, demonstra o protagonismo negro e a sua importância na luta antirracista e, futuramente, na luta da efetivação de políticas públicas referente ao povo negro. A história do NEABI/UFAL e a temática do movimento social negro em Alagoas, permeia o debate sobre identidade racial,

38 BARBOSA, Vanda Maria Menezes. Vanda Maria Menezes Barbosa (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 35min).

39 BARBOSA, Vanda Maria Menezes. Vanda Maria Menezes Barbosa (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 35min).

compreendendo que o combate à discriminação racial e a denúncia do mito da democracia racial fazem parte da história do movimento social negro brasileiro contemporâneo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervo NEABI/UFAL. *Coleção Tombamento da Serra da Barriga*. Fitas k7 do 1º Simpósio Nacional sobre o Quilombo dos Palmares, 1981.

ALVES, José Eustáquio; CAVENAGHI, Suzana; BARROS, Luiz Felipe and CARVALHO, Angelita A. de. **Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil**. Tempo soc. [online]. 2017, vol.29, n.2, pp.215-242.

BARBOSA, Vanda Maria Menezes. *Vanda Maria Menezes Barbosa* (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 35min).

GOMES, Flávio. Palmares: *Escravidão e liberdade no Atlântico Sul* / Flávio Gomes. – 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

GOMES, Flávio dos Santos; MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Da abolição ao pós-emancipação: ensaiando alguns caminhos possíveis para outros percursos. In: CASTILHO, Celso Thomas; MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo (Orgs.). **Tornando-se livre: agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição**. São Paulo: Edusp, p.19-41, 2015.

MARQUES, Danilo Luiz; CORREIA Rosa Lúcia Lima da Silva. O MOVIMENTO NEGRO, O NEABI/UFAL E A IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (2003-2022). *Revistas escritas do tempo* – v.4, n. 10, jan-abr 2022, p. 23-45.

MINAMI, Thiago. Zumbi era um líder autoritário e tinha escravos. *UOL*. 13 de agosto de 2011. Disponível: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2011/05/13/zumbi-era-um-lider-autoritario-e-tinha-escravos-veja-as-polemicas-sobre-a-escravidao-no-brasil.htm>. acesso em: 27 de jul.

Mulherio, ano I, nº 3, setembro/outubro de 1981, p. 9)."

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos Rio de Janeiro: Zahar, 2021

PEREIRA, Amílcar A. “*O mundo negro*”: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

SANTOS, Joel Rufino. Memorial Zumbi: conquista do movimento negro. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 102-107.

SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. Zezito Araújo. O Movimento Negro em Alagoas: militância e história. *Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano IV, Nº 7, julho/2011.

SANTOS, Magnaldo Oliveira dos. **Religiões de matrizes africanas – territorialidades de afirmação de ancestralidade africano-brasileira**. In: Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (des)igualdades, Salvador 07 a 10 de Agosto de 2011.

SIAN BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_81003077_d0001de0001_simposio nacional quilombo dos palmares_1981

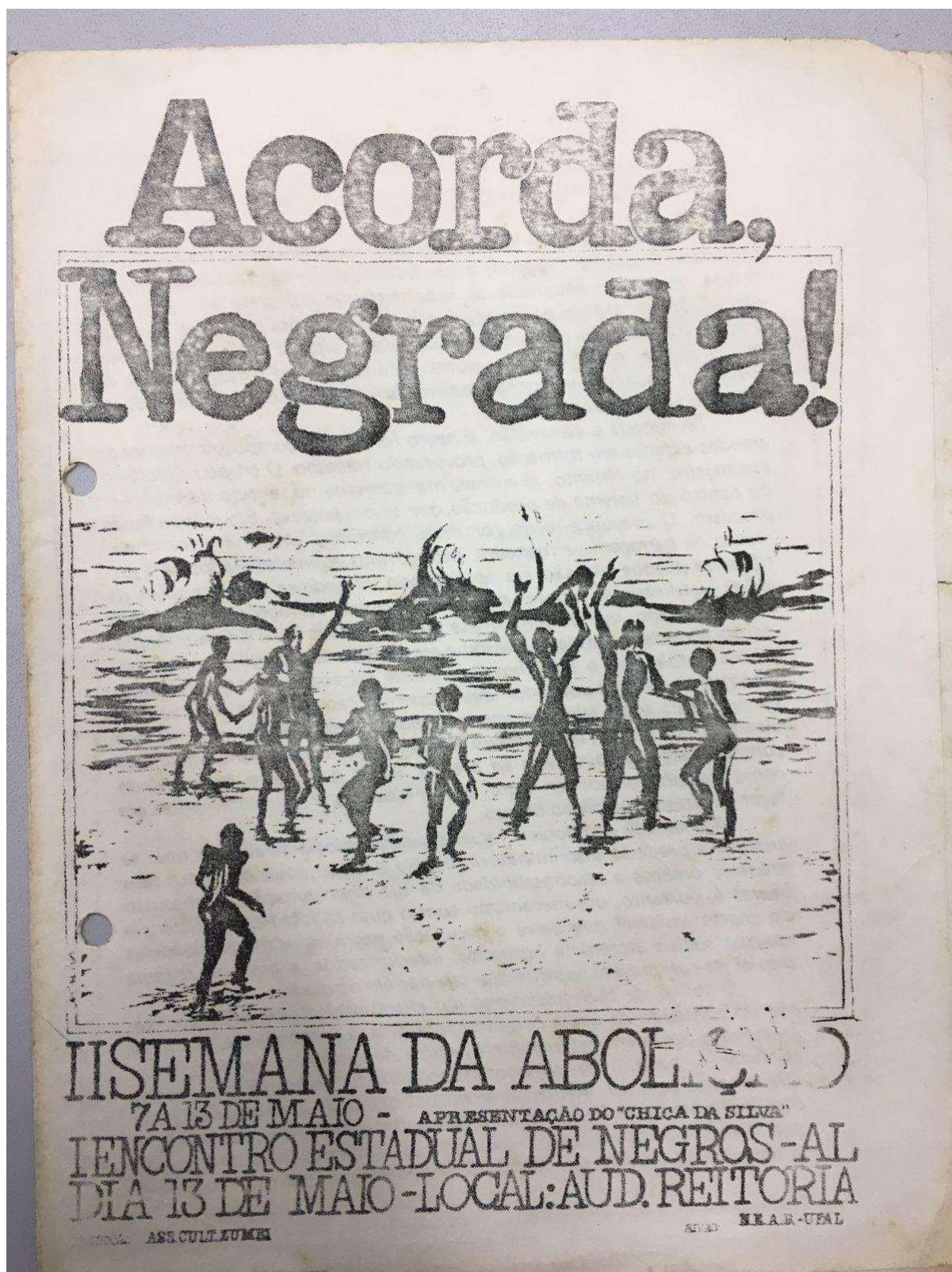
SOARES, Iraneide da Silva. Caminhos, pegadas e memórias: uma história social do Movimento Negro Brasileiro. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 71-87, jan./jun. 2016.

SILVA, Jeferson da Um movimento negro em Alagoas: a Associação Cultural Zumbi. In: Barros, Rachel R. de Almeida; CAVALCANTI, Bruno César; SUASSUNA, Clara. Kilé Kulé. Maceió: Edufal, 2006, p. 96-105.

TOLENTINO, LUANA 31.07.2020 11:59 Lélia Gonzalez e o “cancelamento” de mulheres negras. Retirado de https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/lelia-gonzalez-e-o-cancelamento-de-mulheres-negras/ acessado em 10 de abril, 2023

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Altrusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores: 1978.

6. ANEXOS



Panfleto da Associação Cultural Zumbi (ACZ) alusivo a II Semana da Abolição, 13 de maio de 1984. Acervo Neabi/UFAL.



Carlos Moura e Lélia Gonzalez. Reunião do Memorial Zumbi, 1983. Acervo Neabi/UFAL.



Vanda Menezes na Serra da Barriga, novembro de 1985. Acervo Neabi/UFAL.



Abdias Nascimento e Zezito Araújo, novembro de 1985. Acervo Neabi/UFAL.



Reunião do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi, novembro de 1985. Acervo Neabi/UFAL.



Olímpio Serra, Joel Rufino dos Santos e Carlos Moura na Reunião do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi., novembro de 1983. Acervo Neabi/UFAL.